

O batismo no processo da iniciação cristã

Situo a minha intervenção sobre a temática do batismo no processo da iniciação cristã, pois considero que o verdadeiramente importante não é como se celebra o batismo, mas «como se faz um cristão». Só inserida no processo da iniciação cristã é que a pastoral do batismo tem sentido.

A situação cultural atual exige uma reconfiguração do processo da iniciação cristã. Não se pode continuar a dar por suposto que as pessoas sabem o que significa ser cristão e como se configura a vida eclesial. Não se transmite a fé pelo ambiente social e, além disso, as vias de transmissão da fé e de iniciação a ela e os lugares de aprendizagem a elas associados (a família e a escola) se debilitaram progressivamente ou desapareceram completamente. Diante do crescente número de não batizados e do grande número de cristãos não verdadeiramente iniciados na fé cristã, torna-se urgente a revalorização do catecumenado e da dimensão catecumenal de toda a catequese.

No contexto cultural português a questão da pastoral do batismo e do começo da iniciação cristã aparece-nos em três situações diferentes: batismo de crianças recém-nascidas, batismo de crianças em idade de catequese e batismo de adultos. Se antes a maioria das pessoas eram batizadas em crianças de tenra idade, hoje já são muitas as crianças e adolescentes que são inscritas na catequese sem estarem batizadas e alguns jovens e adultos que pedem para ser batizados. E parece que cada vez vão ser mais frequentes as duas últimas situações, o que lança novos desafios e novas oportunidades à pastoral do batismo e da iniciação cristã.

1. Batismo de crianças recém-nascidas

A sociedade pluralista em que vivemos e a crescente secularização dos ambientes familiares, colocam muitas questões sobre o batismo de crianças recém-nascidas. É verdade que só tem sentido o batismo das crianças recém-nascidas se existirem esperanças bem fundadas da educação cristã da criança. Temos que reconhecer que muitas das famílias que pedem o batismo não cumprem estes requisitos. Se é verdade que esta tradição tão antiga da Igreja não pode ser posta em causa, torna-se claro que requer muita reflexão e atenção. A pergunta chave é se o batismo das crianças está inserido no processo integral da educação cristã. Visto que o batismo das crianças é o princípio, não o fim, da iniciação, deve considerar-se como princípio que desencadeia e exige continuidade iniciática. Sua verdade plena depende mais do que se segue do que o precede. Três pontos chave se colocam nesta questão: a preparação imediata dos pais, o hiato entre a celebração e a inscrição na catequese e a questão dos padrinhos.

1.1. No que concerne ao batismo das crianças recém-nascidas colocam-se duas questões: as famílias que batizam hoje os seus filhos são suficientemente cristãs como exige a fé da Igreja? Os recém-batizados serão amanhã previsivelmente crentes, dada a secularização da sociedade? Parece que claro que as nossas reuniões de preparação, qualquer que seja o seu número, não respondem a

estes desafios. O ideal seria que entre a inscrição e a celebração do batismo existisse um intervalo de tempo que permitisse uma espécie «**processo catecumenal para os pais**». Penso que da parte da Igreja existiriam recursos humanos e materiais para isso, mas pergunto: haverá disponibilidade e sensibilidade dos pais e padrinhos para abraçar este itinerário?

1.2. Problema pastoral fundamental diz respeito ao hiato entre a celebração do batismo das crianças recém-nascidas e a inscrição para a catequese. Existe um acompanhamento na preparação do sacramento do batismo, insiste-se junto dos pais na importância da educação cristã dos seus filhos, mas parece que ficamos à espera da idade da catequese. A importância deste acompanhamento não se refere só à futura inscrição na catequese, mas à importância desta fase para a transmissão da fé, que aqui tem que passar necessariamente pelos pais. Realça o novo Diretório de Catequese que «desde tenra idade que a criança deve ser ajudada a perceber e a desenvolver o sentido de Deus e a intuição natural da sua existência» (DC 236). A comunidade eclesial deve saber dialogar com os pais, apoiando-os na sua função de educar; além disso, procure tornar-se presente e disponível para sempre demonstrar zelo materno e cuidados concretos. A idade pré-escolar é um tempo decisivo de descoberta da realidade religiosa, em que dos pais e do ambiente de vida, se aprende uma atitude de abertura e de acolhimento, ou de aversão e fechamento. Quando, desde pequeno, em família ou noutros ambientes de crescimento, a criança está em contacto com os diversos aspetos da vida cristã, aprende e interioriza uma primeira forma de socialização religiosa propedêutica em relação às seguintes e ao desenvolvimento da consciência moral cristã. Trata-se de uma primeira evangelização e anúncio da fé numa forma eminentemente educativa, atenta ao desenvolvimento do sentido da confiança, da gratuidade, do dom de si, da invocação e da participação, como condição humana na qual se enxerta a força salvífica da fé. Parece claro que neste campo temos muito a fazer e a progredir. Uma ligação profunda entre a pastoral catequética e a pastoral familiar torna-se imprescindível.

1.3. Se as famílias cristãs têm hoje muitas dificuldades em transmitir a fé, maior e melhor empenhamento merece da parte de toda a comunidade cristã o acompanhamento dos seus novos filhos e suas famílias. Entronca aqui o **problema delicado dos padrinhos**. Surgiram os padrinhos num contexto de grande dinamismo missionário e de implantação do catecumenado. Eram os padrinhos que traziam o candidato à Igreja e acompanhavam-no no crescimento da fé e na sua inserção na comunidade. Parece claro que os padrinhos de hoje estão longe de cumprir esta missão. Sei o quão difícil é para os pastores gerir estas situações. Não parece que apenas apertar demasiado os critérios de aceitação dos padrinhos seja a solução, gera mais conflitos e problemas do que os resolve. Mas podemos colocar algumas questões ou sugestões: não será aconselhável que a comunidade cristã encontre formas informais da sua presença às famílias cristãs? Mesmo não estando no papel, alguns membros da comunidade não poderão fazer acompanhamento das crianças batizadas?

2. Batismo em idade de catequese

É bem diferente a situação das crianças não batizadas que se inscrevem na catequese, pois já são capazes de crescer na vida espiritual, de conceber e alimentar uma fé pessoal segundo a capacidade da sua idade. São já capazes de fazer por si mesmas a profissão de fé batismal e de receber o batismo com conhecimento de causa. Mas também é verdade que nestas idades sem o acompanhamento e o empenhamento das famílias torna-se difícil a transmissão da fé. Parece assim oportuno em paralelo com a iniciação cristã dos filhos promover um «itinerário catecumenal» para pais, para os implicar pessoalmente no caminho de fé dos seus filhos. Parece ser mais viável este itinerário do que no batismo das crianças recém-nascidas. E, por outro lado, desta situação pode vincar-se ainda mais a unidade da iniciação cristã. É evidente que sem estruturar caminhos paralelos para estes pais, o dom do batismo e todo o trabalho desenvolvido para preparar as crianças para a festa da Eucaristia e da Confirmação correm o perigo de frustrar-se logo ao início, ao não encontrar a colaboração dos principais responsáveis e um ambiente familiar favorável ao desenvolvimento do que se celebra. As crianças batizadas em idade de catequese, mesmo que estejam preparadas com cuidado, de imediato se verão absorvidos na não vida cristã de seus pais, acabando por considerar tudo o que viveram ou aprenderam no seu itinerário de formação como algo infantil ou secundário na sua vida. A iniciação das crianças aos sacramentos exige uma nova iniciação adequada dos seus pais à vida cristã, se não se quer ver votada ao fracasso mais ou menos total. Parece-me que nestas situações poderíamos ser mais ousados e exigentes com os pais.

3. Batismo de adultos

É referido pelos documentos da Igreja que a iniciação cristã de adultos é a forma normal, própria e paradigmática de toda a iniciação ao cristianismo. A iniciação cristã das crianças e adolescentes é uma adaptação, sem dúvida oportuna e necessária, da iniciação cristã para os adultos. A aposta no catecumenado de adultos é sintoma do dinamismo missionário da Igreja. Na nossa sociedade começam a não ser tão raros os jovens e os adultos que pedem para ser batizados. Parece evidente que as comunidades cristãs não estão verdadeiramente preparadas para dar resposta a estas situações. Se na problemática da iniciação cristã das crianças e adolescentes a questão se centrava na evangelização das suas famílias, no catecumenado para adultos outros problemas se levantam. Aqui as questões centrais colocam-se na fase da evangelização e no pós-celebração dos sacramentos da iniciação cristã, ou seja, na permanência na comunidade. O catecumenado supõe uma etapa preparatória, o pré-catecumenado, que transforme o não crente em catecúmeno da Igreja. Parece urgente um vigoroso primeiro anúncio junto dos não batizados. É a tal Igreja em saída de que tanto nos fala o Papa Francisco.

Quanto à inserção comunitária quem está neste setor pastoral, durante a preparação encontra, pessoas disponíveis para aprender, com motivação e entusiasmo, mas após a celebração dos sacramentos costuma suceder a deserção. Porque é que isto sucederá? Pode ser por lacunas na formação e na iniciação comunitária, mas também pode ser por falta de um verdadeiro acompanhamento no pós-sacramentos. Aqui o papel dos padrinhos pode ser preponderante.

É também urgente propor uma reiniciação cristã dos batizados que não tiveram instrução educativa que lhes permita assumir pessoalmente a fé ou que receberam instrução religiosa, mas abandonaram a fé. Torna-se necessário assumi-los como verdadeiros catecúmenos. Não se trata de aprofundamento da fé, mas de reiniciação. Só tem sentido a reiniciação dentro de uma comunidade cristã toda ela missionária. Como também é verdade que a reiniciação cristã transforma a vida das comunidades cristãs.

Em suma: existe uma ligação profunda entre evangelização e catecumenado. Não existe catecumenado sem verdadeira evangelização, como não pode haver evangelização sem catecumenado. Dar uma dimensão missionária e catecumental à iniciação cristã assume-se como uma grande urgência pastoral.

Pe.Emanuel Brandão

4-fev-2021